

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS PIRES DO RIO
CURSO DE LETRAS

TALINE DOS SANTOS MORAES

A MORTE NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ANÁLISE DAS OBRAS *O PALÁCIO JAPONÊS E O MEU AMIGO PINTOR*

Pires do Rio/GO

TALINE DOS SANTOS MORAES

A MORTE NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ANÁLISE DAS OBRAS *O PALÁCIO JAPONÊS E O MEU AMIGO PINTOR*

Artigo apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus de Pires do Rio, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado (a) em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas.

Área de concentração: Estudos literários.

Linha de pesquisa: Literatura Infantil e Juvenil, leitura e ensino.

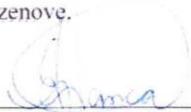
Orientador (a): Profa. Dra. Vanessa Gomes Franca

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS PIRES DO RIO
CURSO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DE TC

ATA Nº 019/2019

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DO ARTIGO DA ALUNA TALINE SANTOS
MORAES

Aos treze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, a partir das dezesseis horas e vinte minutos, nas dependências do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, realizou-se a sessão pública de defesa do artigo intitulado: **A morte na Literatura infantil e juvenil: análise das obras *O palácio japonês* e *O meu amigo pintor***. Os trabalhos foram instalados pela Professora Orientadora Doutora Vanessa Gomes Franca (Letras/UEG) com a participação dos demais Membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Márcia Maria de Melo Araújo (Letras/UEG) e Professor Mestre Edilson Alves de Souza (Letras/UEG). A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o julgamento do Artigo, tendo sido a candidata aprovada, pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Vanessa Gomes Franca, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora e visada pela Coordenadora Adjunta de TC do Curso de Letras, aos treze dias do mês de dezembro de dois mil e dezenove.



Prof. Dra. Vanessa Gomes Franca – Presidente



Prof. Dra. Márcia Maria de Melo Araújo – Membro



Prof. Me. Edilson Alves de Souza – Membro



Visto:
Prof. Dra. Vanessa Gomes Franca
Coordenadora Adjunta de TC do Curso de Letras da UEG – Câmpus Pires do Rio

Moraes, Taline dos Santos.

A morte na Literatura Infantil e Juvenil: Análise das obras O palácio japonês e O meu amigo pintor / Taline dos Santos. – Pires do Rio: Universidade Estadual de Goiás, 2020.

22 f.

Orientadora: Profa. Dr. Vanessa Gomes Franca.

TC (Graduação), Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, Curso de Letras, 2020.

1. Morte. 2. Literatura Infantil e juvenil. 3. Lygia Bojunga.
I. Franca, Vanessa Gomes. II. Universidade Estadual de Goiás. III. Título.

A MORTE NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: ANÁLISE DAS OBRAS *O PALÁCIO JAPONÊS* E *O MEU AMIGO PINTOR**

Taline dos Santos Moraes **
Vanessa Gomes Franca ***

Resumo: A morte é um tema constante na literatura. Assim, ao entrarmos em contato com variadas obras, é possível verificarmos de que modo tal assunto é tratado em diversas épocas e culturas. Em nosso trabalho, intentamos verificar como a temática da morte é vista nas culturas oriental e ocidental. Para tanto, elegemos como *corpus* de pesquisa as obras *O meu amigo pintor*, da escritora Lygia Bojunga, e *O palácio japonês*, do autor José Mauro de Vasconcelos, que fazem parte da Literatura infantil e juvenil brasileira. Em ambas as obras, a partir da amizade de um garoto e de seu amigo pintor, Bojunga e Vasconcelos tratam da morte, evidenciando o entendimento que diferentes culturas possuem sobre esse fenômeno natural. Fundamentam nossas discussões a respeito da Literatura infantil e juvenil, as pesquisas dos autores Abramovich (2005); Coelho (2000); Franca, Souza, Dias e Farias (2009); Lajolo e Zilberman (2007), dentre outros. No que diz respeito à poética da morte, utilizamos como aporte teórico-crítico os estudos de Chevalier e Gheerbrant (2009); Combinato e Queiroz, (2006); Santos e Franca (2017); Silva (2002); Souza (2009).

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil. Morte. Lygia Bojunga. José Mauro de Vasconcelos.

Abstract: Death is a constant theme in the literature. Thus, when we come into contact with various works, it is possible to verify how this subject is treated in different times and cultures. In our work, we try to verify how the theme of death is seen in eastern and western cultures. For such, we chose as research corpus the works *O meu amigo pintor*, by the writer Lygia Bojunga, and *O palácio japonês*, by the author José Mauro de Vasconcelos, which are part of Brazilian children's and youth literature. In both works, based on the friendship of a boy and his painter friend, Bojunga and Vasconcelos deal with death, highlighting the understanding that different cultures have about this natural phenomenon. They base our discussions on Children's and Youth Literature, the research by the authors Abramovich (2005); Coelho (2000); Franca, Souza, Dias and Farias (2009); Lajolo and Zilberman (2007), among others. Regarding the poetics of death, we use as theoretical-critical contribution the studies by Chevalier and Gheerbrant (2009); Combinato and Queiroz, (2006); Santos and Franca (2017); Silva (2002); Souza (2009).

Keywords: Children's and youth literature. Death. Lygia Bojunga. José Mauro de Vasconcelos.

* Artigo apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus de Pires do Rio, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em Letras Português/Inglês e respectivas Literaturas. ** Aluna no Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (Câmpus Pires do Rio). E-mail: santosmoraest5@gmail.com.

*** Pós-doutora e Doutora em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás. É professora de Literatura Infantil e Juvenil, Literatura Brasileira e Teoria Literária no Curso de Letras da UEG (Câmpus Pires do Rio). Também atua no curso de PósGraduação Lato Sensu em Letramento, alfabetização e inclusão (UEG – Câmpus Pires do Rio). Desenvolve pesquisas, principalmente, nos seguintes temas: Literatura Infantil e Juvenil brasileira; Metaficção; Bestiário medieval; Cronística dos séculos XVI e XVII; Narrativa brasileira moderna e contemporânea; Tradução. É membro do Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a narrativa brasileira contemporânea” (CNPq/UFG) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa/GEPELLP. E-mail: Francavg@hotmail.com.

Introdução

A literatura é um espaço que permite a discussão de inúmeros assuntos, até mesmo aqueles considerados temas delicados de lidar e que fogem ao convencional. Assim como a temática da morte, objeto de estudo deste artigo que através dos tempos foi representada sob diversas perspectivas e simbologias. Embora faça parte da experiência humana e seja uma realidade para todos, ainda é considerado um tabu pela negatividade que circunda o tema e também pelo medo que as pessoas nutrem em relação ao desconhecido. Desse modo, esse trabalho centra-se na Literatura infantil e juvenil brasileira, buscando compreender as representações e simbologias que a morte adquire nas produções literárias.

Essa pesquisa é de cunho bibliográfico, possuindo como principal objetivo refletir e discutir acerca da representação da morte nas obras *O palácio japonês*, de José Mauro de Vasconcelos, e *O meu amigo pintor*, de Lygia Bojunga, ambas destinadas ao público infantil e juvenil. Como questionamento pertinente a este estudo, verificamos de que maneira a morte é representada na cultura oriental e ocidental. Para tanto, esse artigo foi dividido em três partes: Literatura Infantil e Juvenil Brasileira, a morte na Literatura Infantil e juvenil e as representações da morte nas obras *O palácio japonês* e *O meu amigo pintor*. Inicialmente, fazemos um breve percurso histórico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira, evidenciando as transformações que ocorrem nas produções literárias no decorrer do tempo e, principalmente, a mudança que se tem sobre o conceito de criança e infância. Além da importância de discutir temas transversais, que estão presentes na realidade da criança e do jovem, como a temática da morte.

Em seguida, adentramos ao tema da morte na Literatura Infantil e juvenil e, por fim, analisamos a morte nas referidas obras, ressaltando de que forma os autores José Mauro de Vasconcelos e Lygia Bojunga abordam o assunto e o apresentam para o público-alvo. Logo, a partir dessa pesquisa é possível realizar uma reflexão sobre a abordagem da morte em textos destinados às crianças e aos jovens, sendo a literatura um instrumento fundamental na discussão dessa temática.

1. A Literatura infantil e juvenil brasileira

Inicialmente, as primeiras contribuições para a Literatura infantil e juvenil brasileira ocorrem, por meio, da tradução de obras europeias e, posteriormente, tem-se as primeiras produções nacionais. As origens dessa literatura remontam ao final do século XIX e o início do século XX, período em que ocorre a proclamação da República. No entanto, a literatura vivenciada nesse contexto histórico possuía um caráter didático/escolar, que tinha como intuito ensinar a criança e o jovem, de acordo com os valores morais e sociais presentes nos ideais republicanos. Convém salientar que a produção literária dessa época destinada ao infante, visava, principalmente, a educação, necessária do ponto de vista republicano para a instrução pública.

A criança, sob essa perspectiva, era considerada um indivíduo “sem voz” e em formação, que necessitava de escolarização e disciplina. Em função disso, temos na produção literária: a exemplaridade, personagens modelos, cheios de virtude, características próprias dessa literatura escolar que acarreta um teor educativo. Um dos autores que mais se destaca nesse período, produzindo poesias dirigidas para o público infantil, é Olavo Bilac, poeta preocupado em retratar a realidade brasileira, transmitindo valores cívicos e morais. Dentre suas obras estão *Contos Pátrios* de 1894 e *Poesias Infantis* de 1904 (COELHO, 2010).

Entretanto, somente em 1921, com o lançamento da obra *Narizinho Arrebitado*, escrita por Monteiro Lobato, é que ocorre uma mudança significativa no panorama da Literatura infantil e juvenil brasileira. A partir de Lobato, a Literatura infantil perde essa fundamentação voltada somente para a educação e abre espaço para o gênero literário, sendo o primeiro a produzir uma obra de ficção com características literárias, pensada especialmente para o público leitor infantil e juvenil. O autor agrega em suas obras inovações como o uso de neologismos, o humor, a metalinguagem, a linguagem marcada pelo coloquialismo, assim como, a crítica social. Abordando temáticas até então consideradas inadequadas para o público infantil e juvenil, mas de forma simples e leve sem pesar na leitura, e de fácil compreensão para os pequenos leitores.

Lobato desmitifica essa noção de assunto de adulto e assunto de criança, por acreditar na capacidade de compreensão que a criança possui, bem como na curiosidade instigadora que a leva a questionar o mundo a sua volta. Além disso, outro diferencial do autor, é o uso do “maravilhoso” em seus livros, o qual é apresentado como algo que faz parte do cotidiano e pode ser vivido por todos. Isto é perceptível nas personagens de *O Sítio do Picapau Amarelo*, em que temos: uma boneca de pano falante, uma espiga de milho cientista, um porco

com título de marquês, ou seja, ele faz uso dessa combinação entre realidade e fantasia. No entanto, a fantasia sempre é usada para esclarecer a criança acerca da realidade, jamais de uma maneira alienante. Esboçando sua opinião a respeito do autor, Laura Sandroni (2011, p. 54) ressalta:

Com Lobato, os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento de inúmeros problemas concretos do País e da humanidade em geral. Ele desmistifica a moral tradicional e prega a verdade individual. Instaure, portanto, a liberdade. Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo onde não há limites entre realidade e fantasia, que ela pode ser agente de transformação.

Segundo Sandroni (2011), o sucesso de público alcançado com a obra de Monteiro Lobato, visível nas sucessivas reedições de seus livros, foi imenso. Após Lobato, durante um longo tempo, o cenário da Literatura infantil e juvenil brasileira não se modificou, havendo inúmeras tentativas falhas de imitação da sua obra. Entretanto, alguns autores se destacaram por manter a sua originalidade, tais como: José Lins do Rego, Erico Veríssimo, Vicente Machado e outros. Estes souberam produzir obras em que o lúdico e o imaginário se encaixavam perfeitamente, evidenciando temas históricos ou de inspiração folclórica.

Contudo, esse panorama se modifica gradativamente a partir dos anos de 1970, considerado como marco definitivo entre a antiga e a nova visão da Literatura infantil brasileira, possuindo como cenário a Ditadura Militar. Nesse contexto, surgem vários nomes, como: Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, entre outros autores que, partindo das ideias progressistas de Lobato, também desenvolveram produções novas e originais, agregando em suas obras o lúdico, o imaginário, a linguagem inovadora e os problemas sociais brasileiros (COELHO, 2000).

Em síntese, é perceptível as mudanças pelas quais a Literatura infantil e juvenil passa ao longo do tempo, sendo estas determinadas, muitas vezes, pela visão do “infantil” do momento histórico. Uma das contribuições mais significativas de tais mudanças foi trazer para o universo infantil temáticas antes consideradas exclusivas dos adultos, como a violência, o divórcio, a morte, entre outros.

2. A morte na literatura infantil e juvenil

A morte, sendo parte do desenvolvimento humano, é um tema bastante explorado nas produções artísticas, particularmente na literatura. Assim, ao longo do tempo, foi representada sob diversas perspectivas, definidas pelo momento histórico e cultural. Na Literatura infantil e juvenil, até bem pouco tempo atrás, era considerada um tema tabu, por isso, delicado de se tratar.

Nas obras literárias da contemporaneidade, ao contrário, a morte aparece sob diversas formas, podendo figurar de forma objetiva ou metafórica. Parte delas falam sobre assassinato, temática mais direcionada aos jovens. Poucas são as obras que reportam a suicídios, essa morte em que a pessoa interrompe a vida por vontade própria. A respeito da presença da morte em obras destinadas aos públicos infantil e juvenil, Clarice Lottermann (2009, p. 1) salienta:

De maneira geral, nessas obras, há morte de pessoas da família (pai, mãe, avó, avô, irmãos), de amigos, professores e de animais de estimação. A perda dos pais e o que isso acarreta na vida da criança/adolescente é a questão mais frequentemente abordada; quanto à morte de animais de estimação, muitas narrativas mostram a dor, revolta e angústia das crianças que os perderam. Em alguns casos, as crianças adoecem, podendo mesmo morrer em decorrência da perda do animal querido

Na obra *Fita verde no cabelo: uma nova velha história*, de Guimarães Rosa, por exemplo, o diálogo entre a menina e sua avó, que simula a conversa de Chapeuzinho e do lobo, anuncia ao leitor a morte da avó:

– Vovozinha, que braços tão magros os seus, e que mãos tão trementes! – É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta... – a avó murmurou.
 – Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!
 – É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... – a avó suspirou.
 – Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?
 – É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha... – a avó ainda gemeu.
 Fita Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez.
 Gritou: – Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...
 Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo (ROSA, 1992, s.p).

Para Adélia Bezerra de Menezes (2010, p. 272, grifo da autora), a situação

vivenciada pelas personagens evidencia a descoberta da criança sobre a morte e sobre a “[...] finitude. Aliás, essa é uma experiência que não é incomum na vida das crianças: seu primeiro encontro com a morte é, muitas vezes, a morte dos avós. (Sobretudo de crianças ‘do passado’, em que os avós morriam mais cedo, isto é, morriam quando os netos eram ainda crianças.)”.

Nesse artigo, evidenciamos a morte nas obras *O palácio japonês*, de José Mauro de Vasconcelos, e *O meu amigo pintor*, de Lygia Bojunga, como veremos adiante.

3. Representações da morte nas obras *O palácio japonês* e *O meu amigo pintor*

José Mauro de Vasconcelos nasceu no Rio de Janeiro, em 1920. Deu início a sua carreira como escritor aos vinte e dois anos com o livro *Banana brava*, publicado em 1942. É autor de diversas obras da literatura a infantil e juvenil brasileira, como: *Barro Blanco* (1945); *Arraia de fogo* (1955); *Rosinha, minha canoa* (1963), *O menino invisível* (1978). *Rosinha, minha canoa* foi considerado seu primeiro sucesso. “Nele, Vasconcelos faz muitas descrições do Cerrado e das matas e várzeas goianas: ‘As garças, os jaburus, os patos, os munguaris, os socós, as anhumas, vinham todos chegando, fazendo sombra para as nuvens’ (CURADO, 2018).

O livro mais conhecido de Vasconcelos é *Meu pé de laranja lima*. Lançado em 1968, tornou-se sua obra mais consagrada, sendo adaptada para o cinema e para a televisão. Autobiográfico, o romance é contado em primeira pessoa, “[...] nele se revela um menino de 6 anos, extremamente precoce e generoso, cuja sensibilidade, inquietação e curiosidade intelectual se torna, em geral, fonte de aborrecimentos ou zanga para os familiares e, em consequência, de terríveis surras ou castigos para ele próprio” (COELHO, 2006, p. 387).

O escritor trabalhou temas sensíveis em suas obras destinadas ao público infantil e juvenil, dentre eles, destacamos a morte, que está presente, por exemplo, no livro *O palácio japonês*. Em tal texto, o autor aborda a morte, utilizando a visão que os orientais têm em relação a ela.

A obra é dividida em duas partes: a flor da vida e a outra flor. Nela, é contada a história de Pedro, um pintor solitário que se encontra sem inspiração para suas telas e sem rumo na vida. Por não conseguir vender seus quadros e viver da pintura, alimenta-se e vive muito mal, já que lhe falta dinheiro. Em uma das suas visitas a Praça da República, Pedro conhece um senhor que o convida para conhecer o palácio japonês, um lugar deslumbrante e que poucos podem ver,

como descreve o autor: “[...] não é dado a todo mundo a maravilha de ver todas as maravilhas” (VASCONCELOS, 1969, p. 19).

Naquele ambiente, o pintor conhece Tetsuo, um príncipe que mora no palácio na companhia do seu tio e mestre Kankuji. O menino se encontra acometido por uma doença, conhecida como moléstia azul, que lhe confere um tom de pele azulado e lhe impõe restrições, tais como: não poder brincar por muito tempo; não ficar no sol; não fazer qualquer tipo de esforço físico. Mesmo com a condição física debilitada, Tetsuo espera pelo pintor ansiosamente todos os dias para brincar, assim, cria-se um vínculo de amizade entre eles.

O palácio é permeado por elementos orientais presentes, sobretudo, no estilo arquitetônico, descrito logo no início do livro:

Parecia um templo enorme cravado nos séculos. O grande teto terminava em pontas compridas que se dirigiam também para o alto. Dividia-se em duas partes o palácio. No andar de cima as paredes possuíam um vermelho nacarado e no inferior apenas um branco tão branco que doía na vista. Nenhuma porta, nenhuma janela. Se existissem estavam totalmente abertas. (VASCONCELOS, 1969, p. 20).

Esses traços orientais se encontram também nas feições da criança e nas vestimentas de todos no palácio, assim como, nos animais: os tigres (Liang e Ciang) e as carpas (Ciningua, Poléia e Landrusa). Podemos destacar também os alimentos próprios do Japão, como a carne de porco com mel, citada no decorrer do livro. Além disso, há as dependências do palácio: sala de brinquedos, biblioteca, sala de armas e os jardins do palácio, decorados no estilo oriental. O lugar preferido da criança no palácio é o lago de carpas,

[...] um pequeno lago muito azul surgia bordado por pedras brancas arredondadas. Uma ponte ligava o jardim, passando sobre o lago. Plantas estranhas e finas balançavam ao vento. E pessegueiros e macieiras esparsamente mostravam suas flores perfumadas. Umas brancas, outras róseas (VASCONCELOS, 1969, p. 23).

O tema que perpassa a obra de José Mauro de Vasconcelos é a morte, realidade essa que os orientais enxergam de maneira diferente dos ocidentais. Esse fenômeno natural, para os chineses, japoneses, tibetanos e indianos, que são influenciados pela cultura budista, é visto como um renascimento. Considerando que em muitas dessas culturas eles acreditam na reencarnação, a morte não é vista como o fim de uma existência, mas sim como o início de uma

nova etapa a ser percorrida. Para eles, com a morte um ciclo se encerra, mas outro se inicia, ou seja, a vida sempre tem continuação.

A abordagem que a cultura ocidental produz em relação a morte é exatamente o oposto dessa naturalidade existente na cultura oriental. De acordo com Combinato e Queiroz (2006), “[...] para o homem ocidental moderno, a morte passou a ser sinônimo de fracasso, impotência e vergonha”. Tal pensamento é perceptível na forma negativa como a sociedade expõe essa temática, nos meios de comunicação em geral, em inúmeras propagandas que mostram produtos que prometem rejuvenescer ou retardar o envelhecimento na tentativa de burlar ou adiar a morte.

Segundo a psicóloga Bel Cesar, do Centro de Dharma da Paz, em São Paulo, e autora de *Morrer não se improvisa*: “Partimos de ideias preconcebidas sobre a morte, formadas a partir da nossa personalidade, da educação familiar e do ambiente sociocultural e religioso em que vivemos”. Criamos rótulos que, muitas vezes, não se assemelham à realidade humana e acabamos nutrindo em nosso imaginário referências negativas em relação à morte. Ainda segundo a psicóloga: “Refletir sobre a morte pode torná-la mais familiar e, portanto, menos ameaçadora”.

Na cultura oriental e especialmente para os japoneses, a morte é motivo de união para as famílias. Para Sato (s/d), em famílias japonesas mais tradicionais, todos se juntam a seu ente querido nos últimos momentos e os próprios familiares preparam o corpo e acompanham cada detalhe do funeral, que é assistido por um monge budista e são praticados rituais que sincretizam o budismo e o xintoísmo.

No livro *O palácio japonês*, percebemos essa característica da presença familiar, Tetsuo está constantemente sendo acompanhado pelo seu tio e mestre Kankuji que é quem lhe impõe limites para que não piore ainda mais a sua debilitada saúde. A cerca de sua enfermidade, é nítido já no início do livro que é incurável e que posteriormente, a criança iria morrer. Ao saber da situação da criança Pedro se entristece: “As garras da mágoa espicaçaram as dobras da tristeza de Pedro. Nada podia dizer. Mas sentia se terrivelmente abalado. Morrer tão moço...” (VASCONCELOS, p. 39). No entanto, mesmo tendo consciência disso, Pedro se dedica a conhecer o menino e passa seus dias com ele.

O pintor encontra inspiração na figura do príncipezinho, que o faz lembrar a sua própria infância, época em que ele era feliz. Assim, ele volta a pintar suas telas, inspiradas nas belezas do palácio e no pequeno príncipe, chegando até a ter uma promessa de exibição de suas telas inspiradas na cultura japonesa, que seriam expostas em uma galeria de arte. A respeito do

menino, Tetsuo é uma criança muito sábia, vive seus dias de forma tranquila e feliz, ele encara a morte com naturalidade, sendo interessante notar que em nenhum momento fica triste ou questiona sua condição, ele só quer brincar e viver a sua infância e os dias que lhe restam da melhor forma possível, como uma criança normal.

Nas conversas que a criança tem com o pintor, ele lhe mostra duas flores: uma branca, a flor da vida, e uma escura, a flor da morte:

- Para mim, só existem duas flores importantes, Pedro. Elas estão em minhas mãos.
- Apresentou a mão esquerda fechada e entreabriu-a delicadamente.
- Esta, a flor branca da vida.
- Suspendeu a outra mão.
- E esta, a mais linda das flores. A mais escura, a mais calma: a flor da morte. Suas pétalas são forradas de veludo macio e negro, para amparar com carinho a flor da vida. (VASCONCELOS, 1969, p. 48-49).

O autor utiliza a imagem das flores para representar a vida e a morte mostrando assim a maneira como a criança enxerga a sua condição. Na cultura japonesa, há diversos simbolismos em torno das espécies florais, estando presente também nas artes e no modo de vida japonês, principalmente, nas vestimentas e na música. Em funerais japoneses, a flor utilizada é o crisântemo branco, sendo associado a morte. Entretanto, no palácio japonês, o autor ao associar uma flor escura a morte retrata uma concepção ocidental que liga a morte a cor negra (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009).

Ao término do livro, por causa de sua enfermidade, o príncipe morre e logo em seguida, ocorre um incêndio que queima todo o palácio. Após esse fato, o pintor fica muito abalado com o falecimento da criança e se descuida ainda mais com a sua saúde, não comendo e não dormindo direito. Em consequência disso, chega em um estado crítico, passa muito mal e é levado para o hospital. Entretanto, seu estado já está agravado e ele acaba por falecer também. Em seus momentos finais, ele vê o príncipezinho que veio buscá-lo para prosseguirem para o palácio de ouro, um palácio que pertence ao pai de Tetsuo, que seria o lugar destinado a eles após a morte. “– Vim buscar você. Iremos para o palácio de ouro do meu pai e seremos muito felizes. Para sempre felizes. Vamos brincar muito e não estaremos mais presos a qualquer condição de dor” (VASCONCELOS, p. 92).

Em síntese, a obra de Vasconcelos nos faz refletir acerca da realidade da morte, uma certeza que é garantida a todos nós. O autor trata o tema com sensibilidade e naturalidade, incorporando a sua obra elementos próprios da cultura japonesa, inclusive, a própria visão que

os orientais possuem acerca da morte. Ao término do livro, a criança morre e seu amigo pintor também. Entretanto, a morte em si não é vista de uma forma negativa, pelo contrário, se aproxima mais de um descanso, considerando que ambos os personagens (o pintor e o príncipe) aceitam sua condição e enxergam na morte não o fim mas sim o início de uma nova jornada.

Lygia Bojunga nasceu em Pelotas, em 1932. Desde o início de sua carreira como escritora, com a publicação de *Os colegas*, em 1972, tem se destacado na Literatura infantil e juvenil brasileira. De lá para cá, a autora já publicou vinte e duas obras, dentre elas: *Angélica* (1975), *A bolsa amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978), *Corda bamba* (1979), *O sofá estampado* (1980), *Tchau* (1984), *Livro, um encontro* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *O abraço* (1995), *Retratos de Carolina* (2002), *Querida* (2009) e *Intramuros* (2016).

Em 1982, pelo conjunto da sua obra, ganhou o maior prêmio destinado à Literatura infantil e juvenil: o Hans Christian Andersen. Em 2004, a autora foi consagrada com mais outro importante prêmio: o Alma (Astrid Lindgren Memorial Award), homenagem criada pelo governo da Suécia à escritora Astrid Lindgren.

Em suas obras, Bojunga se caracteriza por abordar diversas temáticas como questões de ordem social, como: a violência, o abandono, a prostituição, a desigualdade social, o crescimento, o de enfrentamento de medos e de superação. Para Coelho (2010, p. 41), Bojunga é

[...] uma das vozes mais ricas da literatura questionadora de mundo que caracteriza o novo na criação literária, Lygia, em cada livro, enfoca um problema específico da existência humana, através das relações fundamentais que estabelece entre o eu e o outro. Em todos eles, a imaginação criadora (lúdico-crítica) é o motor-geratriz da efabulação. A consciência da palavra como construtora do real é a pedra angular que sustenta o seu mundo de ficção (COELHO, 2010, p. 41).

Para a autora, que é considerada filha de Lobato, não existe assunto que não possa ser trabalhado na Literatura infantil e juvenil. Assim, “[...] encontramos em seus textos assuntos diferenciados como “[...] o estupro (*O abraço*), a morte (*Corda Bamba*), a separação (*Tchau*), uma crítica à influência da televisão na vida das pessoas (*O sofá estampado*)” (FRANCA, 2007, p. 21). Além disso, percebemos em seus textos uma constante reflexão acerca da morte, tema recorrente em vários de seus livros. A exemplo do que vemos em *O meu amigo pintor*, que trata da morte por suicídio.

A obra bojunguiana, com o título *O meu amigo pintor*, foi publicada em 1987. No

entanto, ela havia sido editada com o título *7 cartas e 2 sonhos*, em 1982. Na edição de *O meu amigo pintor*, Lygia Bojunga conta ao leitor sobre a motivação da escrita do livro. Consoante Arlene Rosa Eustáquio (2013, p. 32), a obra “[...] surgiu de uma encomenda feita por uma editora, a fim de que Lygia Bojunga escrevesse uma história que acompanhasse nove telas abstratas de Tomie Ohtake, uma famosa pintora japonesa naturalizada no Brasil”.

Na edição de 1982, Claudio contava à pintora Tomie Ohtake como tinha sido a morte do seu amigo pintor, que havia se matado. No livro de 1987, “[...] por causa de problemas editoriais, o texto bojunguiano teve de se separar da pintura de Tomie Ohtake. Então, a escritora resolveu mexer também no texto” (SANTOS; FRANCA, 2017, p. 91). Desse modo, se anteriormente Claudio contava a história do seu amigo pintor que se suicidara por meio de cartas, agora ele a relatava através de um diário, como vemos a partir do trecho: “Tinha um livro que eu estava gostando. Mas eu nem quis mais ler. / Só pra ficar aqui. Escutando o relógio bater. / E ele bateu [...] E aí, sim, eu vi mesmo que o meu amigo tinha morrido [...]” (BOJUNGA, 2006, p. 10).

A obra relata as experiências e os sentimentos de Cláudio, um menino de onze anos, que está enfrentando e tentando lidar com a morte de seu amigo pintor, um homem que sofreu perseguição política na Ditadura, perdeu o amor de sua amada Clarisse e se sentia frustrado na pintura por não ter inspiração para suas telas. Em decorrência disso, ele cometeu suicídio.

Cláudio inicia a história a partir da descoberta da morte do pintor, contando que em uma terça-feira ele chegou da escola e soube que seu amigo tinha morrido. A princípio ele não acreditou e não entendeu o motivo. Diante da situação, o menino passa a pensar nas cores que o amigo havia lhe falado a respeito. O pintor havia dito para o menino que era possível reconhecer as cores e relacioná-las a um estado de espírito, o que, inicialmente, ele não havia entendido: “O meu amigo me disse que quanto mais a gente prestava atenção numa cor, mais coisa saía de dentro dela. Eu fiquei olhando pra cara dele sem entender. Não entendi mesmo aquela história de tanta coisa ir saindo de dentro de uma cor”. (BOJUNGA, 2006, p. 8).

Entretanto, após a morte de seu amigo, o garoto pega o álbum que ganhara do pintor e ao olhar as cores ali presentes começa a entendê-las:

Mas hoje teve uma hora que eu não estava a fim de olhar pra cara de ninguém. Então abri o álbum que ele tinha me dado. Só pra poder ficar olhando pra cada cor e mais nada. Olhei, olhei, toca a olhar. E de repente eu entendi direitinho o que ele tinha falado! Me deu uma vontade danada de ir lá em cima dizer: “Saqui o que você me disse naquele dia! estou entendendo demais esse preto;

te juro que me deu um estalo e estou entendendo o jeito que esse amarelo pegou.” (BOJUNGA, 2006, p. 9).

A partir desse momento, Claudio começa a compreender as cores, associando-as a seus próprios sentimentos e ao seu estado de espírito. A cor vermelha, por exemplo, simboliza para o menino algo confuso, que ele não consegue compreender: “Pra mim, morte também é coisa vermelha, coisa difícil de entender” (BOJUNGA, p. 16). O amarelo é associado à alegria, à felicidade: “Mas nessa hora o relógio começou a bater [...] E se alguém perguntar que cor tinha a batida eu respondo correndo, amarela! É que fiquei igualzinho ao meu amigo pintor: dei pra achar que amarelo é uma cor” (BOJUNGA, 2006, p. 11-12).

Já o branco representa a morte, o nada: “De noite, quando fui dormir, fiquei esperando, esperando. Nada. Só aquele branco todo. E eu nunca pensei que silêncio fosse assim tão branco. E aí, sim, eu vi mesmo que o meu amigo tinha morrido e que branco doía mais que preto, amarelo, nem se fala!” (BOJUNGA, 2006, p. 12).

Quanto aos motivos que levaram o pintor a entrar em um estado depressivo e se suicidar, podem ser destacados o envolvimento do pintor com a política, que fez com que ele se afastasse de Clarisse, sua primeira namorada, com quem tinha planos de se casar. Ele foi preso durante a Ditadura e, como ela não teve nenhuma notícia sua, ela prosseguiu sua vida e se casou com outro homem, com o qual teve um filho. Anos depois, Clarisse e o pintor se reencontraram. No entanto, mesmo que o amor entre eles ainda existisse, ela relutava em deixar a família e voltar para sua vida anterior. Assim, o pintor tem de conviver com a frustração política e amorosa, além de, não conseguir se realizar como artista:

– Mas você é um bom pintor!

- Não! Não, eu não sou. Eu sei muito bem como é que se pinta; eu tenho técnica, trabalho e trabalho pra ver se dou vida aos meus quadros. Mas não adianta: são telas mortas.

– Foi apontando com o pincel: - Olha. Olha! Olha!! não dá pra ver? não dá pra sentir que minha pintura não tem vida? (BOJUNGA, 2006, p. 36).

Como vimos, ao buscar respostas para entender o suicídio do amigo pintor, o menino encontra um caminho: as cores. Por meio delas, Claudio é capaz de compreender seu amigo e seus próprios sentimentos, o que o leva a amadurecer.

Considerações finais

Lygia Bojunga consegue reinventar o universo infantil através da linguagem, que por ser coloquial, é de fácil compreensão para a criança. Além disso, desmitifica o pensamento referente a literatura destinada a esse público, que tinha como intuito, inicialmente, impor modelos de conduta e possuía um caráter educativo. Por meio de recursos que enriquecem suas obras como o lúdico, a fantasia e o maravilhoso, a autora consegue adentrar no espaço infantil e discutir temas delicados, que não podem e não devem ser omitidos, por fazer parte do cotidiano da criança e do jovem: como o estupro, a violência, o abandono, a prostituição.

Dessa forma, acreditando na capacidade que a criança tem de amadurecer, a autora retrata o personagem Claudio, um menino que lida com a perda de seu amigo pintor, que se suicida, utilizando a simbologia das cores para tentar enfrentar essa situação e crescer. Assim, Bojunga trata de um tema delicado, a partir do ponto de vista da criança.

José Mauro de Vasconcelos, em seu livro *O palácio japonês*, também adentra na mesma temática: a morte. Entretanto, em seu texto a morte ocorre em decorrência de uma enfermidade. É interessante notar que ambas as obras ressaltam a tensão artística, os personagens que morrem são pintores, os quais não possuem mais inspiração. De certo modo, tal desistência da arte vem a se tornar uma “desistência” da vida, um agravante que colabora para as respectivas mortes.

Na obra *O palácio japonês*, de Vasconcelos, a morte associada à cultura oriental, traz aos leitores vários elementos da cultura japonesa, inclusive a própria visão mais natural e familiar que os orientais possuem acerca da morte. Já em *O meu amigo pintor*, Lygia Bojunga discute a morte por suicídio, abordada de acordo com o entendimento da criança da situação.

Em suma, este estudo buscou mostrar as representações que a morte adquire na literatura infantil juvenil e juvenil, apresentando alguns elementos presentes nas obras de Vasconcelos e de Bojunga. Esperamos que ele contribua para a temática e para o entendimento de que, como defendia Monteiro Lobato, não há “assunto de gente grande” e “assunto de criança”.

Referências

BOJUNGA, Lygia. *O meu amigo pintor*. 22. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2006.

CESAR, Bel. *Morrer não se improvisa*. São Paulo: Editora Gaia, 2001.

COELHO, Nely Novaes. *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. *José Mauro de Vasconcelos e o cinquentenário de "O meu pé de laranja lima"*. Disponível em: <<https://www.dm.com.br/opiniaio/2018/03/jose-mauro-de-vasconcelos-e-o-cinquentenario-deo-meu-pe-de-laranja-lima/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

COMBINATO, Denise Stefanoni, QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: Uma visão psicossocial. *Revista Estudos de Psicologia*, v. 11. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294x2006000200010>. Acesso em: 02 set. 2019.

EUSTÁQUIO, Arlene Rosa. **O meu amigo pintor**, de Lygia Bojunga: a assimilação da morte no universo infantil. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdocena/wpcontent/uploads/2014/02/cena3_artigo_8.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FRANCA, Vanessa Gomes. *A literatura infantil/juvenil brasileira na França: où est Labatô?* 2007. 232 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Goiás, Goiânia, 2007.

LOTTERMANN, Clarice. *Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira*. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lt07_artigo_5.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

MENEZES, Adélia Bezerra de. Vermelho, verde e amarelo: Tudo era uma vez. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 265-283, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n69/v24n69a17.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2019.

ROSA, Guimarães. *Fita verde no cabelo: nova velha história*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

SATO, Cristiane A. *Falecimento*. Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=250>. Acesso em: 02 set. 2019.

SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renações renovadas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2011.

SANTOS, Jéssica Bruna dos; FRANCA, Vanessa Gomes. A morte o suicídio e o simbolismo das cores em *O meu amigo pintor*, Lygia Bojunga. In: SILVA, Renato Martins e (Org.). *Poéticas da morte*. Rio de Janeiro: Eulim, 2017. p. 82-107.

VASCONCELOS, José Mauro de. *O palácio japonês*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1969.